

Jimson Vilela

“Mas os livros que em nossa vida entraram
são como a radiação de um corpo negro
apontando pra expansão do Universo”
Livros – Caetano Veloso

Acho pertinente começar esse texto com a citação de uma canção que, acredito, dialoga intimamente com o projeto artístico de Jimson Vilela. E não apenas porque o objeto livro é um componente central na trajetória do artista carioca, radicado em São Paulo, mas porque ele e o autor da composição que destaquei parecem partilhar de um entendimento semelhante acerca da função simbólica dos livros. Ambos sublinham, um em versos, o outro em experiências plásticas, a capacidade do livro de transcender uma forma material determinada: do contato das palavras (antes guardadas em folhas de papel) com o mundo exterior, nasce uma entidade radioativa em constante e incontrolável expansão no espaço.

Na verdade, dentro da lógica proposta por Vilela, o livro não ocupa ou expande o espaço: ele é o próprio espaço. O artista vem desenvolvendo essa linha conceitual desde pelo menos 2012, ano em que propôs para o 48º Salão uma instalação intitulada “Um horizonte, as mesmas imagens”. Vilela não chegou a executar a instalação de acordo com o planejado inicialmente, por conta da não realização do evento, mas, a partir das premissas trabalhadas no projeto, concebeu uma série de instalações com livros que se tornariam uma espécie de assinatura de sua produção artística mais recente. Muitos livros e suas múltiplas páginas ocupando o espaço, tomando o espaço, tornando-se o espaço.

Nos trabalhos de Vilela, os livros possuem uma natureza de confronto, se considerarmos as páginas já queimadas em fogueiras, restringidas a determinadas populações ou proibidas em situações de anulação da democracia. “O livro não ocupa o espaço, ele cria o espaço. Tento trabalhar essa questão ao instala-lo no espaço expositivo, que é por ele subvertido, expandido e ocupado. Ele pode perfurar a arquitetura para constituir seu próprio espaço, por vezes ‘vazando’ para corredores ou salas, ou pode subir rente as paredes e se misturar a elas. O livro se torna espaço ao tatear o espaço, simbolicamente isso corresponde ao processo de passagem da experimentação para um conhecimento mais solidificado. O livro, em expansão, busca no mundo uma narrativa que preencha suas páginas seja ela: científica, histórica, política ou ficcional”, comenta o criador.

Se antes o objeto livro lhe interessava por suas particularidades individuais, em uma visão plástica “micro”, como nas obras “Parte única” (2011) e “Depois do nome” (2012), o artista passou a buscar respostas a partir de uma perspectiva “macro”. Em trabalhos como “Introspecção” (2013) e “Infiltração” (2015), Vilela voltou seu olhar para o “coletivo” dos livros, para a beleza e a verborragia visual de seu excesso exposto, sobreposto,

intercruzado, continuado e descontinuado. Suas páginas descem da mesa ao chão, serpenteiam no piso, sobem às paredes (e também podem atravessá-las), simulam erupções violentas. O que sugerem se não a própria expansão de um corpo negro, apontando para a expansão do Universo, com a potência sobre-humana de lançar mundos no mundo?

Renato Contente 2018